

Repercussões do animal de companhia na vida social das famílias humanas

Caroline Gabriela de Souza¹ | Ceres Berger Faraco²

Resumo

O objetivo deste estudo foi compreender as repercussões do animal de companhia na vida social das famílias humanas. Para tanto, buscou-se investigar a história da vida social dessas famílias anterior ao animal de companhia, identificar como se dá a vida social com a presença do animal e compreender o papel do animal de companhia para essas famílias. Participaram deste estudo três famílias residentes no Vale do Paranhana, no Rio Grande do Sul, nos seguintes estágios do ciclo familiar: casal sem filho, casal com filho e ninho vazio. Os critérios para inclusão na pesquisa foram: famílias com união estável há, pelo menos, dois anos, que convivem com o animal de companhia há, pelo menos, um ano. A abordagem metodológica é qualitativa, do tipo estudo de caso. Realizou-se a aplicação dos seguintes instrumentos: questionário sociodemográfico, entrevista semiestruturada e registro em áudio. Para análise dos dados, utilizou-se a Análise de Conteúdo de Bardin (1977). Os resultados demonstraram uma mudança na vida social das famílias relacionada ao animal de companhia. Tal achado mostra que os participantes não consideram que esse tipo de mudança se deve ao animal e atribuem-na à etapa do ciclo familiar. Quanto ao papel do animal de companhia, este é semelhante entre as famílias e tão especial quanto os próprios membros humanos, independente do momento evolutivo do sistema.

Palavras-chave: Famílias. Animal de companhia. Vida social.

Abstract

This study aims at comprehending how tamed animals affect the social life of human families. Therefore, an analysis of the history of some families' social lives previous to the pet adoption or buy was performed. Additionally, there was an attempt to identify how the presence of those animals affects social lives of families and to understand the role

¹ Graduada em Psicologia pelas Faculdades Integradas de Taquara - FACCAT - Taquara/RS. carolinesouza.31@hotmail.com

² Professora das Faculdades Integradas de Taquara - FACCAT - Taquara/RS. Orientadora do Trabalho. ceresfaraco@gmail.com - <http://lattes.cnpq.br/3329858569503868>

of pets in those families. Three families from Paranhana Valley (Rio Grande do Sul) have participated in this study; each of them fit one of the following family life stage cycles: couple without children, couple with children and empty nest. Being in a stable union for at least two years and having a pet for one year or more was one of the prerequisites for families to take part in this survey. A case study was carried out, with a qualitative approach. The following instruments were applied in the research: a sociodemographic survey, a semi-structured interview and audio records. All data was analyzed according to Content Analysis, proposed by Bardin (1997). Research results have shown a change in the social life of families due to the presence of pets. However, families did not consider their pets responsible for such changes, but attributed them to a different stage of a family life cycle. The role of pets is similar in all families and they are considered as special as human beings, regardless of the life stage cycle family is experiencing.

Keywords: Families. Pet. Social life.

1 Introdução

O presente trabalho trata de uma investigação com famílias humanas que possuem animais de companhia. Tem por objetivo conhecer o impacto do animal na vida social dessas famílias. Considerando que os vínculos afetivos podem ser desenvolvidos não somente entre os seres humanos, mas também entre esses e os demais animais (VACCARI; ALMEIDA, 2007), esse trabalho cita as repercussões do animal de companhia nas interações sociais dos membros humanos com os quais convive.

O vínculo entre as pessoas e os seus animais de companhia, além de ser uma fonte de amor incondicional, pode trazer diversos benefícios à saúde de seus tutores (GUTIÉRREZ, GRANADOS; PIAR, 2007). Uma expressão desse vínculo é o fato de muitas famílias o considerarem como um membro legítimo e merecedor dos mesmos confortos que os demais membros.

Os benefícios do vínculo refletem na vida social e auxiliam no tratamento de quadros como fobia social, timidez, agressividade, ansiedade, transtorno de pânico e depressão. Assim, contribuem para um convívio interpessoal positivo tanto em crianças como em adultos e idosos (ANDERLINI; ANDERLINI, 2007).

Nesse sentido, estudos realizados sobre a interação humano-animal destacam a opção de algumas pessoas renunciarem ao afastamento de seus animais, mesmo sofrendo com problemas alérgicos, por exemplo. Isso porque as pessoas entendem que seria impossível se distanciar deles. Segundo Cohen (2002), esse é um comportamento comum entre as famílias humanas, e elas podem evitar sair de casa por causa do animal, por pena de deixá-lo só.

O caráter científico deste estudo está na exploração de um item atual, deficitário na produção acadêmica e de conhecimento ainda pouco explorado no Brasil. Além disso, amplia a compreensão sobre o funcionamento das relações sociais dessas famílias e sobre o papel do animal de companhia dentro desse sistema.

2 Fundamentação teórica

2.1 Família e o Ciclo vital

O conceito de ciclo vital refere-se às diferentes etapas do ciclo de vida das famílias, desde a sua constituição até a preparação para a morte de seus membros. O ciclo de vida familiar não pode ser caracterizado como um processo contínuo, permitindo sobreposições e reconstituições, uma vez que progredimos em estágios, e isso nos exige mudanças constantemente, de forma adaptativa (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007).

Podemos destacar dois principais pontos dentro do ciclo de vida familiar. São eles: a capacidade de reorganização das famílias para acomodar o crescimento, possibilitando mudanças, e o desenvolvimento de suas gerações, que poderá resultar em um grande impacto, tanto em um dos membros, como em todos eles. Dentro do ciclo familiar, a mínima mudança pode refletir nos demais membros. Para se adaptar ao ambiente que mudou, o sistema requer uma nova reorganização familiar (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007).

Os estágios do ciclo de vida familiar podem ser caracterizados por diferentes processos, tais como a saída de casa do adulto jovem solteiro, a união de famílias (o novo casamento), famílias com filhos pequenos, famílias com filhos adolescentes, o lançamento dos filhos e, por fim, as famílias na vida mais tardia (CARTER; MCGOLDRICK, 1995). Para Osório e Valle (2009), o ciclo vital familiar pode ser classificado por quatro estágios: fase de aquisição, fase adolescente, fase madura e fase última. A fase de aquisição corresponde ao período em que há a união do casal até a entrada dos filhos na adolescência. É nesse período que se encontra o maior número de aquisições do casal, como crescimento profissional, casa própria, complementação de estudos, entre outros.

Na fase adolescente, os pais revivem a própria adolescência, preocupando-se com aspectos físicos, estando por volta dos 40 anos. Ocorrem algumas mudanças, como maior abertura de diálogo entre os pais e os filhos e mudança nas normas de conduta e valores. Em seguida, podemos citar a fase madura, caracterizada pelos autores como a mais longa de todo o ciclo vital. Nela compreende-se a saída dos filhos de casa e a entrada de netos. A fase última inicia-se quando o casal volta a ficar sozinho e aproxima-se da viuvez (OSORIO; VALLE, 2009).

Segundo Fonseca (2005), para se considerar da família, os membros podem ou não ser consanguíneos. Podem ser apenas parentes por casamento (sogros, cunhados, padrastos, enteados) ou até mesmo um amigo mais íntimo, que, devido à intensidade da amizade, acaba sentindo-se membro dela. Para Macedo e Monteiro (2006), a família é uma instituição na qual se desenvolvem e são transmitidos os padrões familiares, como valores morais, sociais e éticos. Esse desenvolvimento de valores e padrões familiares é responsável pela formação de sua personalidade e seu caráter.

Sendo essa uma instituição complexa, a família não consegue evitar as vivências de conflitos ao longo de seu ciclo vital. Com a necessidade de mediar esses conflitos, ela está sempre na busca de superação e de equilíbrio: homeostase. As relações intra-familiares saudáveis, decorrentes das interações socioafetivas, possibilitam o bem-estar físico, biopsicossocial, emocional e espiritual (MACEDO; MONTEIRO, 2006). Os autores

destacam a importância das instituições sociais, como a família, no que se refere à vida social. Ela é responsável pela socialização do indivíduo e através de seus padrões socio-culturais transmitidos é que contribui para a formação desses.

Podemos dizer que a família, além de ser uma instituição que transmite seus valores, possui metas que mudam com o passar do tempo. Atualmente, a família serve para educar e formar seus filhos e, em seguida, lançá-los no mercado de trabalho, e para cuidar dos netos ao longo dos anos. Devido às opções profissionais, o casamento está acontecendo tardiamente, e os filhos são geralmente planejados, porém o número tem diminuído (OSORIO; VALLE, 2009).

2.2 Interação humano-animal de companhia

O convívio humano-animal de companhia existe há muito tempo. A função do cão, desde os primórdios, era ajudar na caça, na busca pelo alimento e, ainda, além da companhia, oferecia proteção contra possíveis ameaças, defendendo as cavernas contra os invasores (VACCARI; ALMEIDA, 2007). Hoje, temos o cão como uma segurança e proteção do lar, mas, além disso, podemos observar que essa interação humano-animal de companhia tem algo a mais. Atualmente, sabe-se que o ser humano pode se beneficiar de seu animal de companhia em se tratando de questões físicas, psicológicas e sociais (GUTIÉRREZ; GRANADOS; PIAR, 2007).

Essa interação é rica devido à capacidade de comunicação de determinadas espécies de animais. Podemos caracterizar algumas dessas espécies mais sociáveis, como os cães domésticos, por exemplo. Esses demonstram ter uma boa capacidade e habilidade cognitiva, o que permite responder aos diversos sinais emitidos pelos humanos, facilitando a interação (BENTOSELA; MUSTACA, 2007).

Segundo Vaccari e Almeida (2007), as pesquisas nessa área têm crescido nos últimos anos e têm mostrado o valor da interação humano-animal em relação a diversos aspectos. Esses autores referem que, em hospitais, os pacientes se beneficiam com tal contato, através da terapia mediada por animais, fazendo com que os índices de interação diminuam, afastando a dor desses pacientes, a tristeza e a solidão, principalmente nas crianças. Favorece também a sensação de bem-estar e conforto, estimulando a troca de carinho e afeto, promovendo sentimentos positivos e diminuindo a ansiedade.

Pessoas solitárias e que necessitam de atividades físicas são estimuladas pelos animais de companhia a saírem para passeios, e, em consequência disso, há um envolvimento com outras pessoas, possibilitado um relacionamento interpessoal mais abrangente. Isso se dá porque, na maioria das vezes, o animal chama atenção de outras pessoas e, com isso, as atraem para o convívio do dono, facilitando o contato e dando oportunidade para uma conversa. Esse comportamento é um exemplo de prevenção de doenças emocionais (ANDERLINI; ANDERLINI, 2007). Já a convivência de crianças com os animais pode facilitar no processo de aprendizagem, de nascimento e de morte, desenvolvendo suas relações afetivas e seus relacionamentos interpessoais, além de melhorar a sua socialização (VACCARI; ALMEIDA, 2007).

É muito comum nas famílias humanas os animais de companhia fazerem parte

de seu núcleo. Apesar de o espaço ser diferenciado dos demais membros humanos, os animais de companhia têm hábitos de convivência parecidos com o sistema familiar e seus vínculos são construídos com base nas emoções, contribuindo para a ideia de que a relação humano-animal é uma relação amorosa e de troca de afeto (COHEN, 2002). Considerando que essa troca de afeto fortalece o vínculo entre o tutor e seu animal de companhia, a Teoria do Apoio Social é uma perspectiva teórica que investiga os efeitos positivos para a saúde humana do companheirismo social (FARACO *et al.*, 2009). De acordo com as autoras, essa teoria ressalta os efeitos positivos do companheirismo animal para a saúde das pessoas, promovendo benefícios. Dessa forma, o animal pode ser considerado uma fonte de apoio social, facilitando e promovendo o contato interpessoal e, por consequência, aumentando a frequência de apoio humano social (FARACO *et al.*, 2009).

Walsh (2005) menciona a importante contribuição do animal como membro integrante da família e como fonte de apoio emocional, ajudando-a a se tornar resiliente. A definição de resiliência é caracterizada pela capacidade das famílias de enfrentarem os desafios e resolverem seus conflitos, se reestruturando, encarando as adversidades, através de seus recursos, e possuindo boa capacidade de crescimento do ciclo vital. Segundo o mesmo autor, há pesquisas que apontam algumas mudanças vistas como recursos capazes de melhorar a saúde física de seus membros, contribuindo para a baixa frequência cardíaca e pressão arterial estável, através do simples fato de acariciar um cão (WALSH, 2005).

A capacidade de conviver em grupos familiares é vista tanto em humanos quanto em animais, sendo assim possível compreender a facilidade de adaptação dos animais domésticos às famílias humanas. Em ambas as espécies, podemos verificar que os filhos e/ou filhotes necessitam de cuidados específicos e parentais, cuidados que são minuciosos por parte de seus progenitores e garantem a sobrevivência da espécie, ou seja, um filhote recém-nascido não tem a capacidade de sobreviver sem atenção e cuidados especiais (FARACO; SEMINOTTI, 2010).

2.3 Suporte social

Nós, humanos, temos necessidade de pertencer a algo, e essa necessidade contribui para a formação de laços sociais. Desejamos interagir socialmente, ser aceitos e valorizados pelos demais integrantes de um grupo, organização ou comunidade e ter laços afetivos. Em outras palavras, isso significa que o ser humano tem, naturalmente, uma necessidade de relacionamento e estabelecimento de elos, de vínculos (REEVE, 2006). Segundo o autor, para que o estabelecimento de vínculo aconteça, é necessário interagirmos uns com os outros. Essa interação social é considerada um suporte importante por nos proporcionar emoções positivas e, através delas, criarmos laços de amizade, aliança e troca de afeto (REEVE, 2006).

O conceito de suporte social é muito amplo e, por isso, pode enfatizar diferentes aspectos das relações interpessoais. De um modo geral, ele se define como qualquer informação obtida pela interação, seja ela verbal ou não, mas que pode definir a relação como sendo algo recíproco, na qual ambos têm benefícios devido às trocas existentes.

Tanto aquele que recebe o apoio como aquele que oferece beneficia-se dessa troca, resultando em efeitos emocionais e comportamentais positivos (GONÇALVES *et al.*, 2011). Para esses autores, o suporte social é considerado, sem dúvida, um facilitador na vida das pessoas, contribuindo para uma boa autoestima, auxiliando na saúde física e mental, no senso de domínio e controle sobre sua vida perante uma situação de conflito e estressora, possibilitando estratégias de enfrentamento.

Uchino (2006) aponta que pesquisas recentes têm buscado explicação para a relação entre apoio social e os mecanismos fisiológicos do indivíduo, uma vez que a relação entre eles favorece as menores taxas de morbidade e mortalidade. Essa relação tem a ver com os níveis de cortisol que estão ligados ao estresse e que passam a prejudicar o comportamento das pessoas. Sendo assim, o apoio social influencia na saúde, através de mudanças cardiovasculares, neuroendócrinas e das funções imunológicas.

Aderindo a essa mesma temática, Dessen e Braz (2000) explicam que, além de auxiliar no alívio do estresse físico e mental, a interação social serve como um suporte fundamental para a manutenção da saúde mental para as famílias. Os suportes sociais são também fatores importantes para a adaptação de comportamentos maternos em relação aos filhos, como a segurança da criança nas relações de apego e a formação de mães menos intrusivas e controladoras.

De acordo com Gueiros (2010), a rede social de apoio às famílias tem forte ligação com as relações intrafamiliares, bem como ao seu meio social. Assim, essas redes de apoio sociais são de grande importância para o suporte do indivíduo e seu núcleo social, que, por sua vez, contribui para o equilíbrio familiar. Corroborando com a ideia de que as interações sociais fortalecem a criação de vínculos e são fontes de benefícios à saúde das pessoas, Durkeim (1897, *apud* SLUZSKI, 2006) faz uma relação com a qualidade das redes sociais e o risco de suicídio. Para o autor, têm mais chances de cometer suicídio os indivíduos isolados socialmente em comparação com aqueles que possuem uma vida social ampla e integrada. Sendo assim, a presença de uma rede social significa uma proteção na vida dos indivíduos.

Em sua obra, Sluzsk (2006) cita uma pesquisa realizada com animais de laboratório escolhidos de forma aleatória, cujo principal objetivo era produzir intencionalmente arteriosclerose, uma doença que causa fechamento dos vasos sanguíneos, através de doses excessivas e com alto teor de gordura. Porém um grupo de animais, todos da mesma progênie, tiveram resultados inesperados, já que uma parte deles desenvolveu arteriosclerose, ao passo que a outra não. O resultado desse estudo motivou os pesquisadores a investigar o que ocorreu e por que nem todos os animais desenvolveram a doença.

Com isso, verificou-se que, ao alimentar e manipular diariamente os animais, os assistentes lidavam de maneira afetuosa com eles, e com os outros lidavam bruscamente e sem contato pessoal. A partir desse estudo, concluiu-se que o grupo de animais que desenvolveu a doença teve uma variável adicional, a variável “estresse” (SLUZSK, 2006).

Segundo Faraco e Seminiotti (2010), os animais têm subjetivamente uma capacidade de vivenciar as emoções, percebendo-as e sentindo-as. Esse reconhecimento era considerado, até pouco tempo atrás, como exclusivo dos humanos, mas, atualmente, essa descoberta repercute em relação à interação humano-animal, sugerindo que as emoções são vividas no âmbito interespecie. Essa interação nada mais é do que uma

troca de afetos, sendo benéfica para quem dá o carinho e para quem o recebe, ou seja, trata-se de uma relação recíproca.

3 Método

O presente trabalho é caracterizado por uma pesquisa com abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso. O estudo de caso, conforme Yin (2001), pode utilizar duas fontes de evidências, como a observação direta e a série sistemática de entrevistas. Sendo assim, é possível realizar uma investigação empírica, examinando o fenômeno dentro de um contexto atual, principalmente, quando há limites entre fenômeno e contexto que não podem ser esclarecidos e definidos de forma clara.

A investigação do estudo de caso como método de pesquisa baseia-se em inúmeras fontes de evidências e pode incluir, tanto estudos de caso únicos, quanto de casos múltiplos. Por isso, é possível caracterizá-lo como uma estratégia de pesquisa abrangente que se obtém através de um conjunto de procedimentos pré-especificados (YIN, 2001).

3.1 Participantes

Participaram três famílias residentes no Vale do Paranhana, no Rio Grande do Sul. Cada família estava num dos seguintes estágios do ciclo familiar: estágio casal sem filho (A), estágio casal com filho (B) e estágio do ninho vazio (C). Os critérios para inclusão na pesquisa foram: famílias com união estável há, pelo menos dois anos, que convivem com o animal de companhia há mais de um ano. Os participantes foram escolhidos por conveniência, tanto pela proximidade da cidade onde mora a pesquisadora, como pela disponibilidade e interesse do participante pelo estudo.

Participantes	Membros	Idades	Estado Civil	Tempo União	Renda Familiar	Nº Animais	Tempo de convívio	Idade do(s) animal (is)
Família A	Esposa Esposo Sem filhos	30 anos 31 anos	União estável	7 anos	4 a 6 salários	2	4 anos	2 anos e 4 anos
Família B	Esposa Esposo Filho	32 anos 33 anos 14 anos	Casados	15 anos	4 a 6 salários	3	12 anos	2 anos, 2 anos e 5 anos
Família C	Esposa Esposo Filho (já casado)	56 anos 55 anos 30 anos	Casados	30 anos	1 a 3 salários	2	5 anos	2 anos e 6 anos

Quadro 1 - Caracterização dos participantes

3.2 Instrumentos

A coleta de dados se deu com a aplicação de um questionário sociodemográfico, elaborado pela autora, para fins deste estudo, que tinha por finalidade obter a descri-

ção do perfil das famílias entrevistadas. Após, foi realizada a entrevista semiestruturada, para verificar a relação social das famílias que possuem animais de companhia.

3.3 Procedimentos para coleta dos dados

Inicialmente, o projeto foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FACCAT. Posteriormente, foi realizado contato com as famílias participantes. No primeiro momento, foi explicado o objetivo da pesquisa, salientado o respeito ao anonimato das informações fornecidas, bem como todo o procedimento para a coleta de dados. A partir do aceite das famílias, houve a combinação de data e horário para a coleta das informações. A entrevista foi gravada para a transcrição fidedigna das falas das famílias. A pesquisadora realizou a transcrição e a preservação das respostas para que ninguém tivesse acesso aos dados.

Antes da aplicação, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ressaltando que a identidade dos participantes seria preservada e que esses poderiam desistir da participação em qualquer momento da realização da pesquisa. Todo o material de pesquisa foi confidencialmente guardado em posse da pesquisadora.

3.4 Procedimentos para a análise dos dados

A análise e interpretação dos resultados desta pesquisa foram realizadas através da Análise de Conteúdo de Bardin (1977), que, segundo a autora, refere-se a uma análise temática de unidades de significado para a pesquisa. Com essa técnica, é possível analisar tudo que é dito de forma verbal ou escrita, tratando-se de avaliar todas as informações contidas nas mensagens, utilizando procedimentos sistemáticos. A utilização de categorias, após a coleta dos dados, permite que estes sejam transformados de dados brutos para dados organizados. Criam-se as categorias, através da classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e reagrupamento de acordo com o seu gênero, facilitando a análise (BARDIN, 1977).

3.5 Questões éticas

Todos os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos, conforme a Resolução nº 196/96, do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum desses procedimentos oferece riscos aos participantes. Somente a pesquisadora e a orientadora tiveram acesso aos dados.

4 Análise e discussão dos resultados

A cada estágio do ciclo de vida das famílias existe um complexo de papéis distin-

tos para os membros, uns com relação aos outros e a complexidade das relações familiares nos diferentes estágios dos ciclos evolutivos é reveladora das diversas e significativas características da personalidade humana (SPROVIEI, 2003). Com isso, entende-se que seria relevante incluir o momento evolutivo do sistema em seu modo de pensar em relação à vida social e o papel que o animal de companhia representa para cada família de acordo com seu ciclo de vida familiar. Para tanto, investigaram-se famílias em diferentes tipos de ciclo evolutivo, sendo a primeira referente à família sem filhos, a segunda, família com filhos e a terceira família na vida mais tardia, o ninho vazio, ou seja, o casal com o filho que não mora mais com eles. Os resultados foram analisados de acordo com três categorias, sendo elas: o papel do animal de companhia, a vida social das famílias sem o animal de companhia e com o animal de companhia.

Analisando as categorias juntamente com o aporte teórico pesquisado, observamos que, na primeira delas, o papel do animal de companhia, há várias semelhanças presentes em todas as famílias participantes, as quais apontam o animal de companhia com papéis idênticos, ou seja, fazendo parte da família, como se fosse um membro humano. Essa análise corrobora com a ideia de que é possível criar fortes vínculos afetivos entre humanos e animais, conforme Vaccari e Almeida (2007). Tais famílias referiram-se ao animal da seguinte maneira:

“[...] é como integrante da família por conviver diretamente dentro de casa” (Família C).

“[...] são como crianças, gostamos deles como filhos” (Família B).

“[...] são como se fossem meus filhos, me preocupo com eles como se fossem crianças, dando remédio e vendo se eles estão comendo bem” (Família B).

“[...] quero ver eles bem, eles são da família” (Família A).

“[...] são nossos filhos” (Família C).

Segundo Cohen (2002), além do hábito de convivência muito parecido com os membros humanos e a integração do animal como parte do sistema, a relação humano-animal é uma relação amorosa e com muita troca de afeto. Esse funcionamento familiar pode justificar as razões de as famílias tratarem o seu animal de companhia de forma tão importante como os demais membros, proporcionando benefícios recíprocos.

No que tange às relações afetivas, identificou-se nas famílias uma modificação quanto ao tratamento dos humanos com o animal de companhia, referindo que o animal modificou a forma de pensar dos membros com relação a ter um animal e as obrigações que ele daria por causa de seus cuidados. Assim, membros que antes eram contra a presença de um animal como parte da família passaram a gostar do bicho e a retribuir seus carinhos, dizendo:

“[...] o contato com o animal me permitiu ser mais carinhoso com ele e os outros da família” (Família A).

Seguindo essa associação, Vaccari e Almeida (2007) referem-se à possibilidade de desenvolver vínculos afetivos entre animais de estimação e seres humanos. Essa vin-

culação foi possível observar nas famílias, uma vez que anteriormente não possuíam animais de companhia. Com o tempo, isso se foi modificando e, atualmente, todos os membros contribuem para os cuidados, tanto de higiene, alimentação, bem como uma notável modificação em relação ao afeto do membro que antes não aceitava o animal, agora demonstrando, além da preocupação com o mesmo, carinho por seu mascote. Tal mudança na interação humano-animal contribui para os benefícios apontados pelos autores, quanto às questões físicas, psicológicas e sociais (GUTIÉRREZ, GRANADOS; PIAR, 2007). Para Bentosela e Mustaca (2007), essa interação é rica devido à capacidade de comunicação de determinadas espécies de animais, principalmente, animais domésticos que são espécies sociáveis devido à boa capacidade e habilidade cognitiva, entre outros aspectos.

Com relação aos cuidados parentais, que têm como objetivo, tanto em humanos como em animais, garantir a sobrevivência da espécie, segundo Faraco e Seminotti (2010), também podemos identificá-los nas famílias através da relação dos membros humanos com os animais. Estes recebem os mesmos confortos e cuidados que os humanos, observados nas três famílias, por caracterizar o animal de companhia um membro dela e considerar ter os mesmos cuidados como se fosse um filho. Em vários momentos, as famílias entrevistadas relataram sentir muito a perda do animal, tanto quanto com parentes humanos. Elas não se imaginam sem a presença de um animal em casa e referem tratá-los como crianças. Segundo Cohen (2002), para muitas pessoas, os animais de companhia já estão funcionando como membro da família, talvez pelo fato de ter o afeto e o companheirismo correspondido pelos animais, oportunizando maior intimidade e carinho das famílias, as quais diziam:

“[...] dependendo de quem morre na família, me emociono menos do que quando era com meus bichos” (Família B).

“[...] agora nos preocupamos com os cachorros como se fossem também nossos filhos, engraçado o quanto a gente se apega” (Família C).

Os mesmos cuidados estão presentes na saúde do animal, uma vez que as famílias confirmam ter uma grande preocupação em atendê-los sempre que necessário, levando-os ao veterinário. Nesse sentido, é possível destacar que, por mais que os animais de companhia tenham um papel parecido com os membros humanos, ainda há uma diferença. De acordo com as famílias entrevistadas, há uma preocupação significativa com os animais de companhia, pois estes são levados ao veterinário por seus tutores sem antes se preocuparem com as despesas, sendo essa uma etapa secundária. Relataram:

“[...] levávamos no veterinário sem saber se ia custar caro ou não, primeiro levo e depois vejo como pagar” (Família B).

“[...] não espero muito para levar ao veterinário, pois quero ver eles bem, eles são da família, e depois vejo o que fazer” (Família A).

Pode-se inferir que, diferentemente dos humanos, isso muitas vezes não acontece da mesma forma. Para essas famílias, há sempre um cuidado no manejo ao levar o

membro doente ao médico e se têm como arcar com as despesas. Esse comportamento não tão comum propõe um novo questionamento sobre como esse cuidado com o animal acontece, se ele se dá da mesma maneira com outras famílias não entrevistadas. Tais cuidados do tutor com o animal de companhia mostra que esse animal pode representar outro papel para essa família, não só de ser mais um membro dela e, sim, mais que isso, o animal pode ter um papel mais especial que os próprios membros humanos.

Quanto à categoria vida social com o animal de companhia, percebe-se que, apesar de as famílias entrevistadas alterarem suas vidas sociais, elas não associam como causa da mudança a presença do animal de companhia e, sim, atribuem ao momento em que elas se encontram, ou seja, à atual etapa do ciclo vital. Sendo assim, é possível verificar, em todas as famílias, uma modificação na vida social após adquirir o animal de companhia, porém invisíveis pelos membros, que parecem não compreenderem como uma mudança, o que é visto nos momentos que elas relatam:

“[...] não vejo que eles me prejudicam nos passeios que quero fazer, eu faço, mas em menos tempo” (Família A).

“[...] minha vida social é muito boa” (Família C).

Para Dessen e Braz (2000), a interação social serve como um suporte fundamental para a manutenção da saúde mental para as famílias, como importantes fatores que contribuem para a adaptação de comportamentos maternos em relação aos filhos, bem como a segurança da criança nas relações de apego. Ao falar em apego, é importante lembrar que esse conceito é frequentemente associado ao estudo da relação mãe-bebê, mas que também pode ser aplicado a todas as conexões de âmbito emocional intenso, inclusive entre pessoas e animais (BOWLBY, 1969).

Através da análise dos dados coletados, foi possível identificar o quanto o apego entre humanos e animais é parecido com o apego entre crianças e adultos humanos. Segundo Faraco e Seminotti (2010), tal comportamento é necessário para as espécies sociais e caracteriza uma relação afetiva de dependência do bebê ou filhote, manifestado pela necessidade de um em relação ao outro. Assim, é possível destacar as seguintes falas das famílias:

“[...] vejo o quanto o animal preenche nossa casa, não saberia viver sem ele” (Família A).

“[...] não me imagino sem ele junto de nós” (Família B).

“[...] é um animal muito inteligente e parece compreender o que falamos” (Família C).

As falas referem-se à importância desses animais para a família e à forte ligação afetiva com seus tutores. Os traços comportamentais dos animais de companhia e dos humanos estão relacionados com objetivo de adaptar-se ao mesmo ambiente, o que permite a compreensão dos animais no que se refere à comunicação humana, como os gestos (FARACO; SEMINOTTI, 2010).

Com relação à categoria vida social sem o animal de companhia, as famílias não

se sentem prejudicadas pelas mudanças, tampouco atribuem alterações ao animal de companhia. Uma expressão disso está nos seguintes relatos:

“[...] agora fico uns quatro dias no máximo uns cinco dias longe de casa, mesmo sabendo que eles estão bem. Antes ficava mais” (Família A).

“[...] passávamos vários dias fora de casa sem nos preocupar em voltar” (Família B).

“[...] saíamos mais do que agora, mas não vejo isso como algo ruim” (Família C).

“[...] ficávamos várias semanas na praia” (Família C).

“[...] sou tão feliz com eles, que nem me importo em viajar menos” (Família A).

A vida social das famílias, antes de adquirir o animal de companhia, diferencia-se da vida social após o animal no que se refere às férias. Antes, as famílias passavam mais dias longe de casa. Com o animal de companhia, as famílias viajam por um curto tempo devido à preocupação que se tem com ele. Nesse caso, o tutor pode estar substituindo suas relações sociais com os humanos pela relação com seu animal de companhia (ARCHER, 1997), deixando de conviver por mais tempo com outras pessoas para estar em casa com o animal. Tal comportamento não significa ser patológico, já que as famílias não se sentem prejudicadas com a falta de relações sociais como as tinham anteriormente. Pelo contrário, as famílias se sentem bem da forma como estão, acompanhadas de seus mascotes. Assim, ao identificar que as famílias estão substituindo suas relações sociais pela relação com o animal de companhia, acreditamos que este é capaz de suprir, pelo menos em parte, a necessidade dessas famílias de se relacionarem com outras pessoas.

5 Considerações finais

Os resultados deste estudo apontam que, em todas as famílias participantes, independente das características individuais, há uma modificação na vida social relacionada ao animal de companhia. Essas modificações presentes na análise foram observadas através das relações anteriores ao animal e após adquiri-lo. Isso se dá uma vez que essas famílias estão se dedicando mais aos cuidados do animal e optando, assim, por alterar suas relações sociais. Tal mudança no funcionamento familiar parece ser invisível pelos membros, pois não consideram como uma transformação em sua vida social e, sim, apenas como uma nova etapa da vida que se diferencia do passado.

Além dos achados que corroboram com os objetivos deste estudo, pode-se verificar a forte ligação entre humanos e animais, tal qual a relação entre crianças e adultos humanos presente na literatura pesquisada. Nesse sentido, o papel que o animal exerce na família é muito semelhante ao dos humanos. Apesar de serem tratados da mesma forma que os demais membros, como as crianças, as famílias relatam saber que eles não são humanos. Isso nos remete à ideia de que os animais de companhia podem estar ocupando um espaço sobreposto e diferenciado. O papel, apesar de muito semelhante, é tão especial quanto os próprios membros humanos. Assim, pode-se inferir que o papel do animal de companhia é o mesmo em todas as famílias estudadas, independente do momento evolutivo do sistema, ou seja, tanto em família sem filhos, com filhos, ou

na família em sua fase de vida tardia. Além disso, o estudo demonstrou que a relação afetiva entre os humanos e os animais nessas famílias é semelhante a que ocorre entre humanos, tanto que a dor da perda do animal de companhia é tão forte ou até maior, em algumas situações, do que a perda de membros humanos.

Sugere-se que as pesquisas futuras sobre o tema venham a ampliar e diversificar os participantes, a fim de investigar se tais achados se aplicam às diferentes famílias, bem como em outros momentos evolutivos do ciclo familiar. Sugere-se, também, uma investigação relacionada ao apego entre humanos e animais de companhia, identificando, além dos fatores que estão presentes nesse estudo, quais outros fatores contribuem para a forte e crescente relação afetiva. Uma limitação dessa pesquisa é a carência de literatura no que se refere às mudanças sociais das famílias que possuem animais de companhia, uma vez que esse é um tema bastante atual.

Por fim, concluímos que tais mudanças na vida social das famílias estão relacionadas à aquisição do animal de companhia e estas não se sentem prejudicadas, tampouco consideram o animal como fator desencadeante das alterações. Assim, podemos inferir que, na relação humano-animal, mesmo com mudanças nas interações sociais dos tutores, o animal de companhia representa, para as famílias, uma importante fonte de apoio social.

Referências

ANDERLINI, Giovana P.O.S.; ANDERLINI, Giuliano A. Benefícios do envolvimento do animal de companhia (cão e gato), na terapia, socialização e bem-estar das pessoas e o papel do Médico Veterinário. **Revista CFMV**, Brasília, DF, ano XIII, n. 41, p. 70-75, 2007. Disponível em: <http://www.cfmv.gov.br/portal/artigos_cebea.php>. Acesso em: 27 mar. 2012.

ARCHER, John. *Why Do People Love Their Pets?* Department of Psychology, University of Central Lancashire, Preston, United Kingdom. p. 237 - 259, 1997. Disponível em: <http://courses.washington.edu/evpsych/Archer_Why-do-people-love-their-pets_1996.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BENTOSELA, Mariana; MUSTACA, Alba E. *Comunicación entre perros domésticos (Canis familiaris) y hombres*. *Revista Latinoamericana de Psicología*, Bogotá, v. 39, n. 2, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0120-05342007000200012&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 mar. 2012.

BOWLBY, JOHN. **Attachment and loss**. v. 1. *Attachment*. New York: Basic Books, 1969.

CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Mônica. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

COHEN, Susan P. *Can pets function as family members?* **Western Journal of Research**, New York. p. 621-638. 2002. Disponível em: <<http://wjn.sagepub.com/content/24/6/621>>. Acesso em: 30 mar. 2012.

DESSEN, Maria A; BRAZ, Marcela P. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 16, n. 3, p. 221-23, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v16n3/4809.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2012.

FARACO, Ceres Berger; PIZZINATO, Adolfo; CSORDAS Michele; MORERA, Mariana Calessio; C.; ZAVASCHI, Maria Lucrecia Scherer; SANTOS, Tatiane; OLIVEIRA, Vera Lúcia Silva; BOSCHETTI, Luana; MENTI, Laura de. Terapia mediada por animais e Saúde Mental: um programa no Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência em Porto Alegre. **Saúde Coletiva**, Porto Alegre, v. 6, n. 34, p. 231-236, 2009. Disponível em: <<http://www.psicologiaanimal.com.br/arquivos/artigos/saudemental.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2012.

FARACO, Ceres Berger; SEMINOTTI, Nédio. Sistema social humano-cão a partir da autopoiese em Maturana. **Psico**. PUCRS, v. 41, n. 3, p. 310-316. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/8162/5852>>. Acesso em: 23 mar. 2012.

FONSECA, Cláudia. Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica. **Saúde e Sociedade**, v. 14, n. 2, p. 50-59, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902005000200006&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 19 mar. 2012.

GONÇALVES, Tonantzin R. PAWLOWSKI, Josiane. BANDEIRA, Denise R. PICCININI, Cesar A. Avaliação de apoio social em estudos brasileiros: aspectos conceituais e instrumentos. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232011000300012&script=sci_arttext>. Acesso em: 13 abr. 2012.

GUEIROS, Dalva A. Família e trabalho social: intervenções no âmbito do serviço social. **Rev. Katál**. Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 126-132, 2010. Disponível em: <www.periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/1388>. Acesso em: 13 abr. 2012.

GUTIERREZ, Germán; GRANADOS, Diana; PIAR, Natalia. *Interacciones humano-animal: características e implicaciones para El bienestar de los humanos*. **Revista Colombiana de Psicología**, Bogotá-Colombia, n. 16, p. 163-184, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.unal.edu.co/index.php/psicologia/article/view/1013/1469>>. Acesso em: 2 mar. 2012.

MACEDO, Virgílio C.; MONTEIRO, Ana R. M. Educação e saúde mental na família: experiência com grupos vivenciais. **Texto contexto - enfermagem**, v. 15, n. 2, p. 222-230, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072006000200005&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 2 abr. 2012.

NICHOLS, Michael P.; SCHWARTZ, Richard C. **Terapia Familiar conceitos e métodos**. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OSORIO, Luiz C.; VALLE, Maria E. P. do (Orgs.). **Manual de Terapia Familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

REEVE, Johnmarshall. **Motivação e emoção**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

SLUZKI, Carlos E. **A rede social na prática sistêmica**. Alternativas terapêuticas. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

SPROVIERI, Maria H. S. A família e os ciclos vitais. *In*: ASSUMPÇÃO JR., Francisco B.; KUCZYNSKI, Evelyn. **Tratado de psiquiatria da infância e adolescência**. São Paulo: Atheneu, 2003.

UCHINO, Bert N. *Social support and health: A review of physiological processes potentially underlying links to disease outcomes*. **Journal of behavioral medicine**, v. 29, n. 4, 2006. Disponível em: <<http://www.jimfrankish.com/uchino.pdf>>. Acesso em: 5 mar. 2012.

VACCARI, Andreia H.; ALMEIDA, Fabiane de **A. A importância da vista de animais de estimação na recuperação de crianças hospitalizadas**. São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.inataa.org.br/anexos/Artigoanimaisnarecuperacaocriancas.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2012.

WALSH, Froma. **Fortalecendo a resiliência familiar**. São Paulo: Rocca, 2005.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.